

Marieta Costa

DESHERDADOS

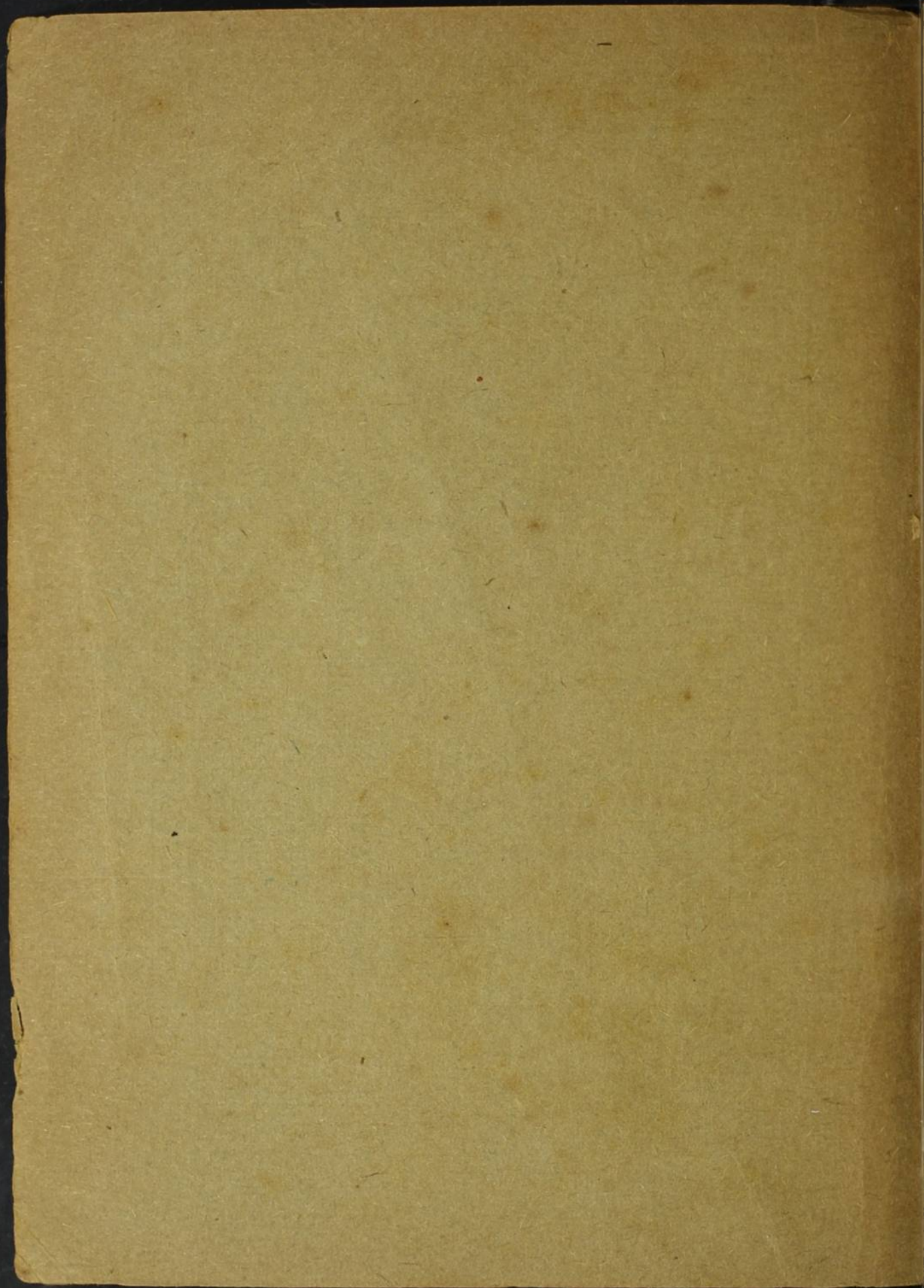


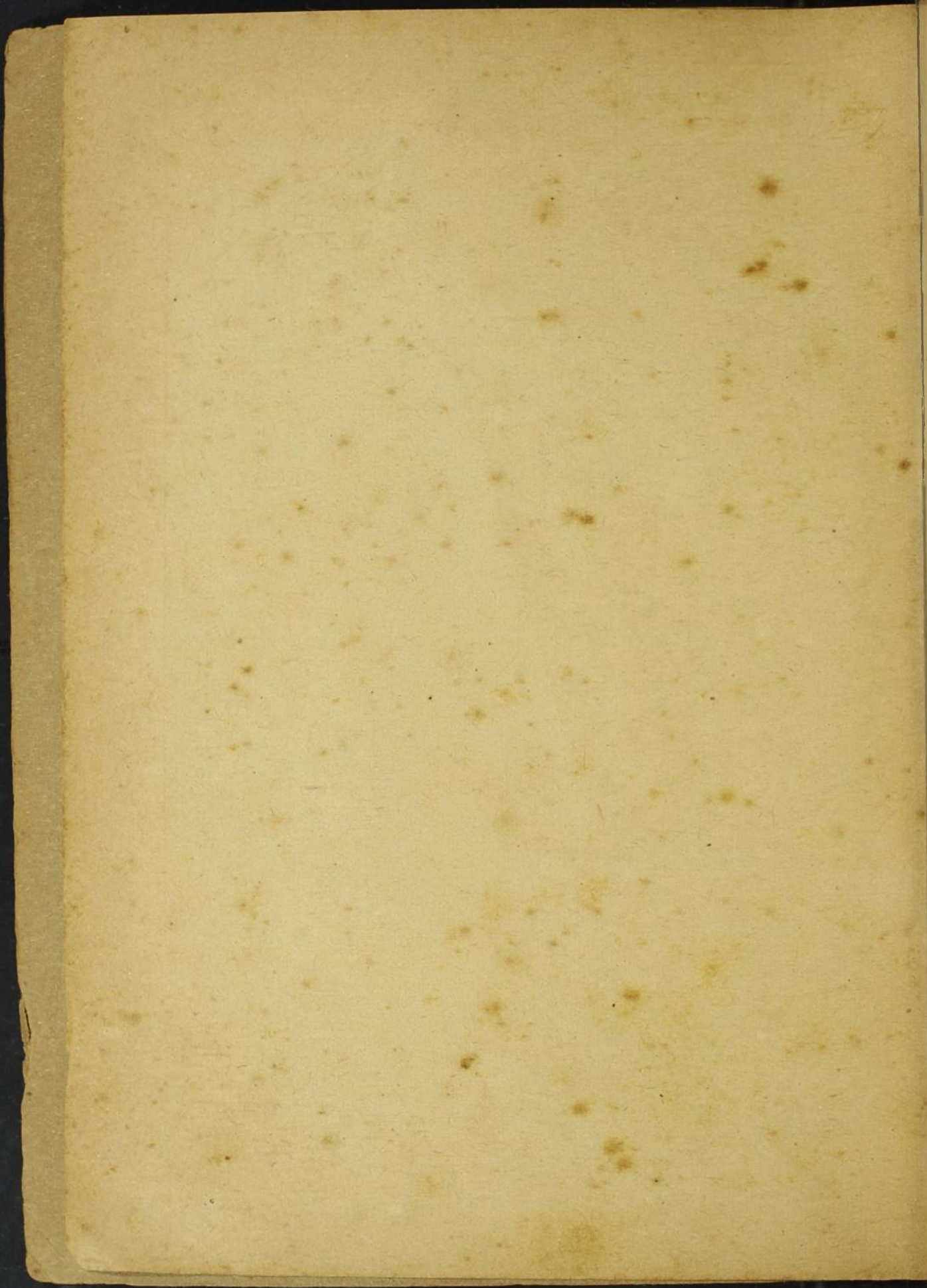
1927

Livraria do Globo

Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre

Filiaes: Santa Maria e Pelotas



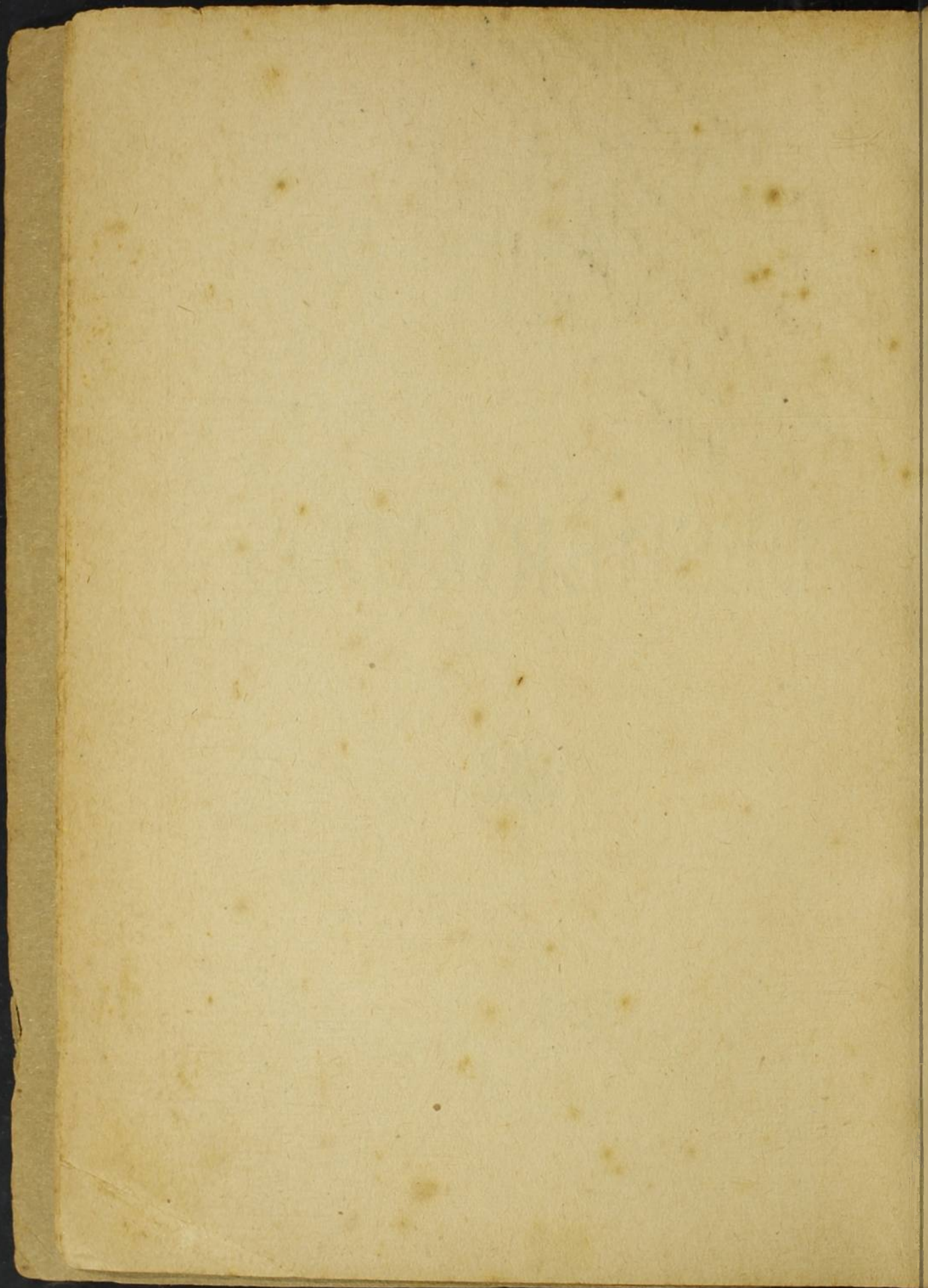


As Dr. Eduardo
Marques e Rosmi Fanni-
tia, com minha estima
e consideração, oferece
Marieta Costa
15/1927

DESHERDADOS



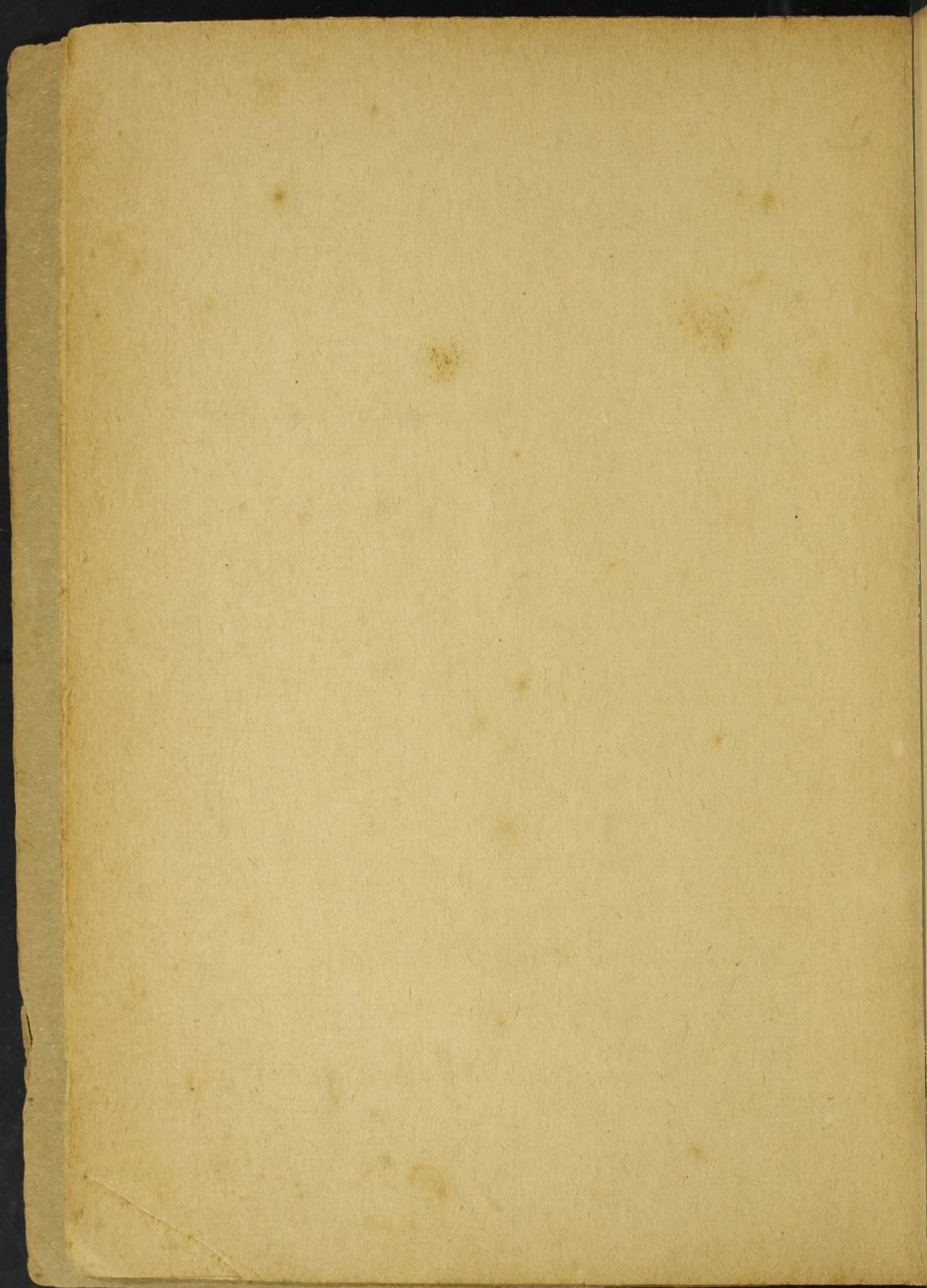
1927
Livraria do Globo
Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre
Filiaes: Santa Maria e Pelotas



ED. MARQUES

*Ao Exmo. Snr. Dr. José Barboza Gonçalves
e Exma. Esposa D. Arlinda Gonçalves,*

gratidão.

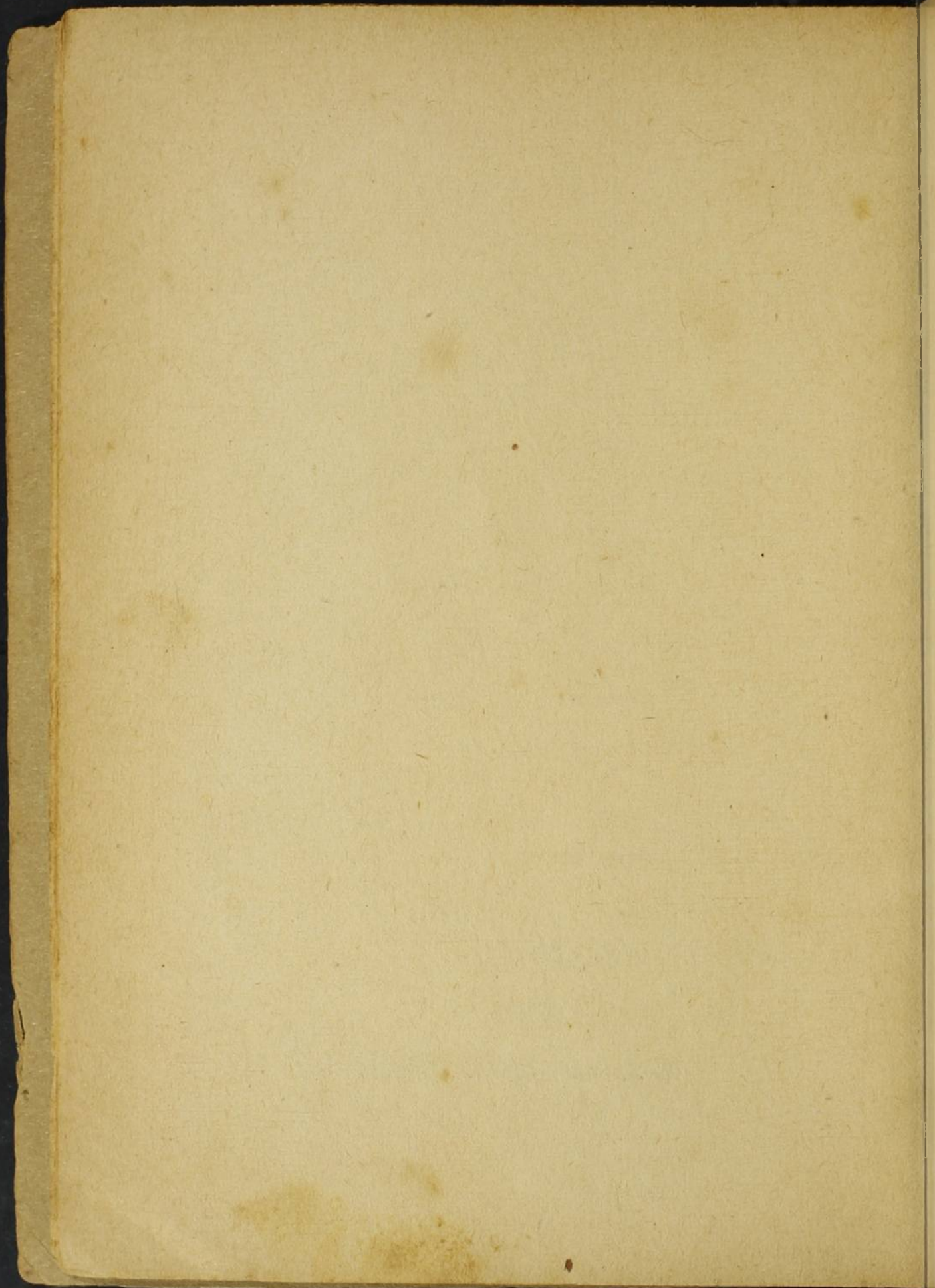


A meus queridos Paes,

Cantalicio Costa

e

Hermelinda Menna Barreto Costa



O surdo

Alheio sempre á voz de quem lhe fala em volta,
Segue, com firme olhar, o gesto, ancioso, attento,
Talvez sem o entender, confuso o pensamento,
Talvez contendo, afflicto, um pranto de revolta.

E, se, cansado, enfim, a idéa presa sóta,
Olhando indifferente a vida, o movimento,
Illudido sorri, quando, por fingimento,
Crispa o labio em sorriso alguem que a elle se volta.

Vive em meio retiro e, na expressão do rosto,
Como a scismar, tem sempre uns laivos de desgosto.
Nunca o moveu, talvez, uma phrase dorida.

Não sabe o que é o gorgeio, a musica das aguas,
Mas não ouviu tambem, jamais lhe deram maguas
Palavras que é melhor nunca escutar na vida.

Dionéa

A Margarida Lopes de Almeida

Sempre alerta, a dionéa espera o incauto insecto
Que, em longas espiraes, no morno espaço vaga;
Offerece-lhe o mól que estilla, e o tenta e o embriaga,
Na caricia cruel de um ardiloso affecto.

E, quando o vê, por fim, saciado já, repleto,
Procurar da amplidão a branda luz que o afaga,
Cruza os pellos da folha irritavel e o esmaga,
Digerindo-o depois no seio immundo e infecto.

Outra victima attrae; um enxame doirado
Bebe o nectar da planta e succumbe atraídoado,
Emquanto ella pompeia em flores que desatam.

Assim como a dionéa, ai ceus! quantas creaturas,
Sorridentes, destroem as affeições mais puras,
Nutrindo o coração de corações que matam.

O lago

Ao Dr. Alfredo Soares do Nascimento

Era maior, mais fundo... Em breve sécca. O espaço
Não lhe transmite a côr, nem o arrepanha a aragem.
Vêde que estranho aspecto! E' um vago olhar, já baço,
Que busca, ancioso, em pranto, a derradeira imagem.

Aos poucos desce, desce, esverdinhado e escasso.
O limo cobre-o em parte e o toldam, de passagem,
Cobras-d'agua rabeando em babujoso traço,
Cortam-lhe dia a dia a marginal folhagem.

Outr'ora quanta flor beijava-o! Quando arrulho
Vinha da ourela aberta em tinhorões e fetos!
Hoje, de miasmas cheio e algas podres e entulho,

Sofre!... mas ainda sonha, aterram-no e elle aflora,
E quer, no ultimo alento, entre um côro de insectos,
Receber consolado a extrema-uncção da aurora!

Diamante

Ao Dr. João Pinto da Silva

Todo o intenso fulgor disperso dessa pedra,
Em matiz bruxoleante e vago e resentido,
E' uma queixa continua, é um soluço, é um gemido,
Que, em proporção á luz, desaparece ou medra.

Todo o ardente fulgor dessa gemma polyedra,
Pairando-lhe ao redor como um nimbo dorido,
Trouxe o calor sinistro, o fogo reprimido
De um rochoso filão que a negra serra empedra.

Para se abrir tão pura e, qual um astro, accesa,
Tira da propria essencia o impulso da belleza,
Com o proprio pó se fere e aclara e se desbasta.

A cada golpe o seio em chispas desabrocha;
E, humano coração, seu coração de rocha
Só brilha quando sofre e se lacera e gasta.

Velha Cathedral

A Edgar Fontoura

E' abandonada agora a cathedral austera.
Corre-lhe um verde suor dos florões da cimalha,
Pelas pilastras desce e na vasa se espalha,
Nas gretas irrigando espessos tufos de hera.

Esborcinada e negra, a abobada severa
Dorme sem presentir quanto a ruina trabalha,
Pelos nichos, maineis, nos labores de talha
E que o tempo de todo a vasta nave altera.

Como lagrimas caem os pingentes dos lustres:
Os cheiropteros vão da terre aos balaustres,
Em chusmas, a voejar. tontos, quando anoitece.

Sóbe um vago rumor ás graves arcarias,
E as sombras, resvalando entre as columnas frias,
Passam como a gemer num murmurio de prece.

O vôo de Icaro

Ao Dr. Luis da França Pinto

Longe do labyrintho, ainda temendo a fuga,
Icaro, em largo vôo as asas tensas libra,
E, engolphado no azul, os cumulos desfibra,
Ao tempo que, em seu corpo, a gaze do ar se enruga.

A ancia de alçar-se aos ceus, que aos poucos o subjuga
E o arrebatada á região onde exul se equilibra,
Vence-lhe todo o ser, domina-o fibra a fibra,
E uns vestigios de pranto ao rosto, emfim, lhe enxuga.

A Terra, ao longe, esvae-se, em vago tom cinereo.
Dansam flocos de luz no espaço côr de brasa,
E logo em jactos se abre o igneo golphão ethereo.

Comtudo ascende ao Sol, numa attracção fatal.
Ascende, e as asas perde, e rola, e em dôr se abraza.
O' bello e ousado ideal! ó ideal! ó ideal! ó ideal!

Tuberculosa

Quem piedoso a encarar bem vê que, lentamente,
Seu corpo fino e branco em vaga luz desfaz-se,
E uns tons immateriaes, no suave olhar de doente,
Adoçam-lhe a expressão e a languidez da face.

Entre o aneio da vida e a esperança de crente,
Sem queixumes, aguarda o tragico trespasse,
E esfolha as illusões, sorrindo indifferente
A' seiva que rebenta e ao brilho que renasce.

Si alguma vez, em pranto, a dôr no peito asyla,
E' quando a mão que aperta a sua mão, vacilla,
O contacto affectuoso, indecisa, evitando;

E' quando o beijo dado em sua bocca exangue,
Onde uma flôr lethal abre o calix de sangue,
Paira breve, receoso, apagado, hesitando.

Pantheismo

A Mansueto Bernardi

Caminha de vagar; olha quando pisares;
Não machuques de mais a relva nos caminhos;
Evita interromper a musica dos ninhos
E o inconstante voejar da ave que rasga os ares.

Não dêes o teu desprezo aos vermes que encontrares;
Cultiva com amor, dispensa os teus carinhos
A' triste flor que se abre, escondida entre espinhos.
Bemdize o obscuro rio e a vastidão dos mares;

Bemdize a humilde estrella e o sol esplendoroso;
Homem! ama com mais ardor a natureza,
Que, para te servir, myriades de vidas,

Em loucos turbilhões, vagam desconhecidas,
Fervem em doudo chaos, ganham força e belleza
E expiram a teus pés, num espasmo de goso!

Piedade

Julgas talvez cercar-te o aureo nimbo do justo,
Porque o nome dos bons elevas de astro em astro,
E os que rojam na lama, e os que seguem de rastro,
Não merecem teu dó, pisas como a um arbusto.

Quantas vezes, singrando o mar da vida, a custo,
Absorvido no ideal, com o velame desnastro,
Arrebenta-se a quilha, espedaça-se o mastro,
E, entre escolhos, submerge o barqueiro robusto!

Nunca rias do nescio, ao vil e ao mau perdôa.
E' tão mesquinho o damno, é tão alta a nobreza,
Que o insulto nunca attinge uma alma heroica e bôa.

E ao aleijão moral, a esse que não te agrada,
Mostra, em vez do rancor, que offende a natureza,
Um traço doloroso e fundo de piedade.

A morte

A' memoria de Esther Mattos Coelho.

Jamais!... Jamais!...

Tudo tem fim. No espaço
Fogem astros rolando a esphera morta,
E o pequenino ser que á vida aporta,
E' logo presa de um fatal braço.

Jamais!... Jamais!...

O amor é fragil laço.
Perece a fé que um sopro algente corta,
E o afflicto, que se lança á extrema porta,
Adianta apenas um pequeno passo.

Ella sómente, desvairada, louca,
Num rir convulso que lhe rasga a bocca,
Vae arrastando as tábidas ossadas.

Quando, sem tino, atraz de um pouso corre,
Surgem novas colheitas sazoadas.
Ah! Morre tudo! A Morte só não morre!

Prodiga

Ao Dr. Eduardo Marques

Como num sonho fluiu-te, sem conta,
O ouro que tinhas entre as mãos luzindo,
E, aos poucos, sem sentir, foste despindo
A pompa Augusta em que acordaste tonta.

Ainda agora, depois de tudo findo,
Si alguma dôr te punge, em pouco monta,
E aos desgraçados que a ti vão sorrindo,
Num sorriso dorido acodes pronta.

A alma, então, em que o bem se multiplica,
Rica de affectos, de consolos rica,
Abres profusa e perdulariamente.

Um novo sôl de rara luz a doura,
E é já um delirio, é um sonho louco e ardente.
Calma, vagar, ó incauta esbanjadora!

Lia

A Helena Carrigan Small

Porque não te insurgiste, independente e brava,
Contra o astuto Labão, rompendo o preconceito
Que te humilhou impiedoso e te fez ter acceito
O hymeneu com Jacob, esse que não te amava?

Foste grilheta humana e ao mesmo tempo escrava;
Bem podias ceder de mais velha o direito
A' famosa Rachel, por quem, a arder, no peito,
A sincera paixão de seu pastor lavrava.

Revolta a indiferença e quasi a covardia
Com que aceitaste a offensa a teu esposo, o' Lia,
Que, por outra, a teu pae serviu com tanto ardor.

Mas revolta ainda mais, sendo mulher, haveres
Trocado o orgulho e até — quem sabe? — os teus prazeres
Por um resto chorado e mesquinho de amor.

Plethora

Ao Dr. Alcides Flores Soares

Sinto, às vezes, passar, num turbilhão fecundo,
Pela mente febril, como a estuar em plethora,
Tudo quanto ha de bello e grandioso no mundo,
Desde os estos do amor aos lampejos da aurora.

Num ambiente em que a dôr é luz e é crença, afundo;
O aneio universal todo o meu ser devora,
E as lyras de que a morte enviou a um ceu profundo
A flor da inspiração, vibram espaço em fóra.

Surgem aos torvelins e em rajadas diversas,
Repercutindo e echoando, harmonias dispersas
E o bem, e o ardor, e a fé, que alma agitada avoca!

Idéas a enxamear cruzam-se em bando denso,
E eu não posso exprimir o que sinto e o que penso,
Porque o estro me opprime e a inspiração suffoca.

Flor de estufa

A Zeferino Brasil

I

Na estufa crystallina a flor arqueava exangue,
Languida, em morbidez, a corolla dolente,
De um vermelho sombrio um tanto côr de sangue,
Com lampejos subtis de um colorido ardente.

Pelo jardim crescia um fremito de vida
E, emquanto a natureza em torno palpitava,
Ella, vinda de longe, a rara, a preferida,
Ella, que era a primeira, ali jazia escrava.

Cruel quem a fizera assim viver á parte,
Longe do borborinho amoroso da selva;
Melhor fôra possuir, em vez de brilho e de arte,
A graça da bonina entre-aberta na relva.

Fulgia na atmosphaera um halo de ventura.
O pollen, sacudido, estravasando em torno,
Rolava pela brisa e, em surtos de ternura,
Ia de flor em flor, ao sol festivo e morno.

II

Rompera a primavera. Os montes, ainda brancos,
Deixavam resvalar a neve pelos flancos.

Erravam nas campinas
Soltas petalas finas.

Uma nesga de ceu, tatarar de asas tensas...
Por certo era a sazão das flores e das crenças.

Mas que região tão fria!
Que funda nostalgia!

Como lembrava agora essa estação ditosa,
Em sua patria, além, quando a floresta umbrosa

Se corôa de umbellas
E rutilas capellas!

Pelos claros a luz, derramando-se aos jactos,
Tinge de sulferino as petalas dos cactos.

Um fremito selvagem
Perpassa na folhagem,

Impulsionando a seivã. E, em torno á fria pedra,
Onde o bolor se alastra e o tenro lichen medra,

Rompem modulos trillos
De ophidios e de grillos.

Corta o ambiente zunindo a estridula algazarra
De pios, cascaveis e do chiar da cigarra.

Fulgem louras phalenas,
Num palpitar de antenas.

E, da selva ao redor, na extensa e fertil area,
Desde a graminea e o musgo ás franças da araucaria,

Gira um mundo de insectos.
Gira um mundo de affectos.

III

Era amena a estação. Bem se lembrava agora.
Dous franzinos saxões, mais louros do que a aurora,

Correndo o brasileiro solo
Com redes a tira-collo,
Pejadas de borboletas,
Assestaram as lunetas.

E... oh! desventura! no alto ensombrado da mata,
Vendo-a um delles fulgir, solícito a arrebatá.

Que profunda nostalgia
Sentira desde esse dia!

Os vizinhos festões tinham tantas grinaldas,
Nos nectarios contendo embriagadoras caldas,

Tanta baunilha cheirosa!
A yuca filamentosa,
De niveas flores, ascende.
Os pedunculos estende,
Quaes cirios velando a mata.
Vago aroma se desata
De crespas, frisadas lœlias
E setinosas bromelias.
Si o bosque era tão florente,
Porque ella, ella sómente,
Fôra entre as mais apanhada
Para estiolar-se abafada?

IV

Nunca mais, nunca mais, ó solitaria monja,
Deixarás de escutar a insolente lisonja
Dos que fitam o olhar em tua face glabra.
A cella de crystal é uma visão macabra
Que o teu fundo suspiro ha-de trazer occulto.
Jamais verás do insecto o pequenino vulto.
Jamais a aura fagueira ha de embalar-te o sonho.
Dize adeus para sempre ao que é bello e risonho.

No entanto os vegetaes hão de invejar-te a sorte,
E essa folha arripiada e de nervoso porte,
E essas outras que caem, com uma mancha retinta
Sobre o limbo afogueado em purpurina tinta.
E's toda um sonho ardente, enlangueces e vibras,
Vaga sombra oriental dilue-se em tuas fibras;
Cada petala ostenta um quê de estravagante,
Esta o rebordo acurva, aquella infla hesitante.

Não ha flor como tu formosa e desgraçada.
Nunca de uma narina a asa aflante e corada
Sentiste roçagando as linhas do regaço,
Para absorver o olor que esperdiças no espaço.
Bem quiseras girar entre uns dedos frementes
Ou de um collo dormir nas curvas indolentes,
Ouvindo os corações em pudico alvoroço.

Em breve jazerás — miserrimo destroço
Do brilho que ora tens — entre outros vegetaes,
De diversas regiões, mas no sofrer iguaes,
Entre as folhas do herbario onde os naturalistas
Hão de te encarcerar, esmagando-te egoistas.
Bem se comprehende a dôr que te alanceia e abate:
Pessa da jardineira, atestado, o açafate
E as flores vão louçãs cantando um hymno á vida.
A haste cortada embora e a fronte emmurchecida,
Sentem melhor viver, quando as resolve e cresta
O aneio da existencia. E, ou no fulgor da festa,
Ou pallidas curvando entre nuvens de incenso,
Ellas hão de exultar num goso novo e intenso.
Todos te rendem culto, ó flor garbosa e estranha,
Mas cresces com tal viço e tens fama tamanha,
Que ninguem se afoitára a te esgaçar do galho.
Não te lamenta o exilio uma gotta de orvalho,
Nunca te deu allivio um gesto amigo e brando,

Porque ficas distante e intangivel brilhando.

A um poeta humorístico

Monstrum, horrendum, informe, ingens,
cullumen, ademptum.

Virgílio.

A um só appello teu surgem da treva, em bando,
Monstros de toda casta aos pinotes e aos gritos ;
Prendes Cerbero e tens solto o rôl dos afflictos :
Diabos, aberrações e genios maus uivando.

Quebra-se o bello e a graça ao teu olhar nefando,
Que prescruta e entrevê, nos bons e nos precifitos,
Avejões a guaiar, entre vaias e apitos,
Mais defeitos e mais horror desentranhando.

E ris nervosamente, e os tiques exageras.
No humor que te consome inventas estrabismos,
Ridiculos e balda em todas as esferas.

Quanto dóe vêr passar essa legião que pintas,
Mergulhando o pincel na vasa dos abysmos,
E a que eu quisera dar um tom de suaves tintas!

A virgem do tumulo

A Cora Ubatuba de Faria.

Não é Ubirajára o chefe de tua nação e
não te destinou elle para servir de noiva
do tumulo ao guerreiro que vae morrer no
supplicio ?

Ubirajara. Alencar.

Mensageira do amor, num claro da floresta,
Das palmeiras irmãs copiando o grácil porte,
Junto do prisioneiro intemerato e forte,
Salta a virgem pagã, de uma ramada, lésta.

Emquanto ella o consola e a afaga-lo se apresta,
Os selvagens heris, em sanhuda cohorte,
Veem de longe dansando uma dansa de morte,
Qual um rio a ondular, para a macabra festa.

Redobra-se o carinho ao condemnado esposo.
E' um amor moribundo esse amor doloroso
Que o coração lhes faz vibrar em triste harpejo.

Num circulo a horda hostile a india e o captivo encerra,
E elle recebe, ao som das businas de guerra,
Ao vibrar do tacape, a hostia pura de um beijo.

A perola

A Rita Costa Lucena.

Vêde-a luzindo, pallida, de manso :
Não brilha mais que a falsa companheira.
Quem, olhando-as, tão juntas, num relanço,
Affirmará qual seja a verdadeira ?

Emtanto é a filha terna do remanso
Que a envolvia, entre flocos, na alva esteira,
E onde buscava o luar, calma, em balanço,
Num sonho, do antro á flôr da onda fagueira.

Embora ascenda a magicas alturas,
Mostra, simples, á luz, sem apparatus,
A mesma face de esmaiada côr.

E' como as almas candidas e puras,
A que sómente um prolongado trato
Póde entrever aos poucos o valor.

Jardim fechado

A Rita Menna Barreto.

Pela senda em que vaes a Primavera entorna
De cecens e jasmins as cornucopias cheias,
E o humilde vegetal, por onde o olhar passeias,
Rompendo em floração, de um brilho novo se orna

Caçoulas de perfume, os botões, á aura morna,
Desatam-se oscillando e enlaçam-se em cadeias.
Trescala o espaço em torno e te agitas e anceias,
Embriagado no olor que enfeitiça e amadorna.

Vês estrellas abrindo a corolla uma a uma,
Aflorarem no mar niveas rosas de espuma
E, onde pisas, o chão, de petalas juncado.

No entanto esse esplendor, toda essa gloria deixas,
E vaes rondar febril, como um louco, entre queixas,
A flor, que, além, se occulta em um jardim fechado.

Lingua Patria

A Menandro Cabral.

Sempre me é grato ouvir-te, pura e nobre,
No borbulhar de syllabas e accents,
Fluindo sonora e triste qual um dobre
Ou na força e esplendor dos pensamentos.

Teu variado matiz disfarça e encobre
A impericia, e forneces elementos
De brilho e graça e côr á idéa pobre,
Guarnecendo-a de sobrios ornamentos.

Quando as palavras asperas resôam
E em timbre falso de maldade echoam,
Porti, ó Lingua, abstraio o tom ferino.

Attenta aos sons, a má impessão desfaz-se,
E escuto-as calma, como si escutasse
As vibrações melódicas de um hymno.

As carpideiras

A Laura Azambuja Marques.

Rotas, lá vão quebrando em convulsivo choro
O silencio gelado, a paz da turba fria.
Jaz Herodes, sem vida, entre damascos e ouro,
E é preciso bramir numa fremente orgia.

Mercenarios lá vão dando signal de agouro,
Num vibrante clamor. Torce-as a epilepsia;
Rasgam-se em phrenesi, carpindo, hirtas, em côro,
Na torpe encenação da mais falsa agonia.

Abri o manancial das lagrimas! vendei-as!
Urge agora sofrer pelas maguas alheias!
Em troca tereis pão, é assim que ganha o pobre.

Vamos! Em paroxismo uivai, ó desgraçadas,
E, ao vos chegar a dôr, falseado o pranto nobre,
Soluçareis gemendo atrozes gargalhadas.

ED. MARQUES

Desperta e Vence!

A Olinda Bandeira.

Eras tão nobre! Em tua alma apaixonada e pura
A semente do bem rebentava e floria!
Maldizes hoje o amor, já não cres na ventura
E triste, e egoista, e só, foges da luz do dia.

Que mal, que insania agora o teu viver tortura?
E' o desengano? é a morte? é a traição? é a ironia?
Não sabes arrostar a injuria com bravura?
Levanta-te do pó, ergue a fronte sombria!

Na intrepidez imita a onda que, triumphalmente,
Pompeia o dorso glauco ao longo da corrente:
Si lhe embargo o caminho um rochedo, impetuosa,

Ruge, cresce espumante, espedaça-se, estoura,
E se evapora em parte, e fulge vencedora,
No ceu, incorporada á nuvem côr de rosa!

A noite

A Almachio Cirne.

No alto, com a negra coma esparsa, em abandono,
De papoulas coroada a fronte abalastrina, *alabastrina*
Eternamente, a Noite, entregue a um calmo somno,
Sobre o fôfo coxim das nuvens se reclina.

Quando Appollo, no ceu, cheio de argivo entono,
Para acorda-la o plaustro arrasta e abre a cortina
Da aurora, Hypnos e Chaos, surgindo em seu abono,
Envolvem-na de todo em poeira de morfina.

Sentindo, então, a luz ferir-lhe os olhos, tonta,
Sem vencer a modorra, apanha a gazea ponta
Do véo de nevoa e luar que a cerca de mysterio.

E, emquanto no regaço acolhe as nebulosas,
Frios astros ao longe e enxames de aureas rosas,
Volta-se e vae sonhar, feliz, no outro hemispherio.

Mediocridade

A Carmosina Brum Pereira.

Não quero culminar nem me abater na lucta :
O extremo é perigoso : o esplendor enfastia
E a obscuridade excessiva é um travo da energia.
Fico ahi pelo meio, agindo resoluta.

Longe de um real prazer, de pranto a face enxuta,
Sem voar, sem rastejar, venço, dia por dia,
A estrada mais batida e a que mais garantia
Traz a quem por ideaes mediocres labuta.

O sol é tão grandioso e arde na propria chamma.
Quanto não sofre este astro, ouvindo o eterno psalmo
Dos mortaes, em louvor ao clarão que derrama ?!

Não busco, além da media, uma illusão sequer,
E o amor, o proprio amor, imagino-o tão calmo,
Que se possa esmagar quantas vezes quiser !

Silencio

A Coelho da Costa.

Sonho, ás vezes, entrar num ambito silente
Onde a alfombra recolha o som dos passos dados,
E ahi ficar brazando, a alma queda e dormente,
Sem a voz e o rumor mais leves e apagados.

O silencio... A quietude... A vibração latente
Num phantasma de ruido... Arcos e oboés calados,
Mas, despencando no ar, do ultimo toque ardente,
Murchas flores sem côr, sons mortos e abafados.

Nessas horas esvoaça a phantasia em torno,
Rolam brancas visões no espaço branco e morno,
Sem que um trillo ou cicio a calma augusta quebre.

Perde-se um veo de nevoa em flocos no horizonte,
E sente-se escorrer, vago, de ignota fonte,
Como um oleo sagrado ungingo a mente em febre.

A um sceptico

Quiseras no odio e no desdém captivo
Desprezar as bellezas do universo
E, eternamente, em asco e sombra immerso,
Morto viver para o que é alegre e vivo.

Astros sem vida... O bello inexpressivo...
Um ról de vicios e chacaes disperso...
— Em pantanos doentios, num chaos submerso —
Surge-te o mundo arfando repulsivo.

Mas, preso á dôr, em meio á rota immensa,
A mão que amaldiçôa, no ar, suspensa,
Um momento descae, tolhida, inerte.

Rompe-se um véo e vês, perdida a calma,
Aureas rosas que o sol, piedoso, verte,
Rosas de luz, desabrochando n'alma!

Inquebrantavel

A Affonso Guerreiro Lima.

Não só rezando junto a Deus merece
O que aflora a teus labios um momento :
Cada palavra e cada pensamento
Tem a força e o prestigio de uma prece.

Por isso não lamentos, si acontece
Essa trama a que dás tão firme accento,
E si um dia teu falso juramento
Como verdade nitida apparece.

Mesmo na vida desprezada e obscura,
Em que o prazer em pranto e em dôr se apura,
Pódes dar viço e alento aos teus desejos ;

Pódes ir como o Zeus-capitolino
Que governava o carro do destino,
Aureolado de glorias e lampejos !

Humorismo

A *Anna Heit.*

Uma ironia acerba, um riso louco, amargo,
Tenta sinistramente explodir nos meus labios,
E eu o travo na bocca e sorvo-lhe os resabios
Que geram n'alma a dôr e o tabido lethargo.

D. Quixote resurge, audaz, em novo encargo :
E' um soberbo arlequim, é o sabio entre os mais sabios;
Cerca-se de pinceis, de pennas e alfarrabios,
Sonhando esboça o ideal num traço guenzo e largo.

Porque entrever de tudo o lado mais grotesco ?
Porque ver na belleza o hiato picaresco,
A cova onde apodrece o estimulo e a energia ?

Esse phantasma vesgo e comico e bisonho,
Que se esgueira, e se encurva, e cochicha, e me espia ! ...
Eses Humor a crestar-me a debil flor do sonho ! ...

Santa Ignez

A Wanda Muniz Barreto Cardoso.

Deante da multidão que, amotinada, em Roma,
Os crentes do Evangelho ao supplicio condemna,
Alma eleita do ceu, Ignez, pura, serena,
Confessando seu Deus, heroicamente assoma.

Emquanto brada a turba, exaltada, que a doma
E lhe aponta a fogueira, horrorosa gehena,
Da bocca que se lhe abre em flor rubra e pequena,
O nome de Jesus sae como um doce aroma.

Vendo-a o povo tranquilla, indifferente á ameaça,
A tunica lhe arranca e, em grita, a despedaça.
Mas cresce-lhe o cabello e pelo dorso mana ;

Beija-a linha por linha, ondeante, pando, solto,
Desce a oscular-lhe os pés, envolvendo-a revoltto
E seu corpo em nudez olhar nenhum profana.

Edade da pedra

A Emilio Meyer.

E' ainda a Terra toda embrutecida e tosca.
Numa encosta do aceano, em torno da caverna
Onde um casal primevo, a urrar, feroz, se interna,
Fervilha a fauna ao sol, desde o ichtyosauro á mosca.

Em confusão, calcando a mica e a rocha fosca,
Passam lerdos mamnuts de olhares de luzerna,
E aos braços vegetaes, grossos, de seiva eterna,
Colla-se da serpente a venenosa rosca.

A luz, sangrenta, escorre em lagos desconformes
Nos ricos alluviões do rio, ascoso lanho,
Que suppura esmagado, entre fragas enormes.

E, ao clarão da lareira, em destaque na scena,
A Eva, de olhar guloso, assa o lombo de um anho
E o Adão no silex grava o perfil de uma renna.

Soneto

A' memoria do professor André L. Puente.

Pódes expôr teus dons, pódes mostrar confiante
As virtudes que tens, a perfeição mais rara
E do rosto exhibir as linhas puras ante
O povo que, aos roldões, tudo esquadrinha e encara.

Deixa que o teu talento enfloure e nos encante,
Em lugar de o esconder nessa modestia avara.
Brilha sem te polluir, sempre esquiva e distante,
Como da lenda, n'agua, a fugitiva Iara.

Brilha! Mas, si á moral nunca trazer prejuizo,
Procura simular um vicio que não tenhas,
Para, ás occultas, rir de um mal formado juizo.

E, si o teu ser no bem queres que se avigore,
Guarda um pouco do brilho em que firme te empenhas,
Fecha no coração algo que o mundo ignore.

Diratas

A Leopolda Barnewitz.

Chofrando a quilha n'agua, em convulsa manobra,
Na galera pirata a nau surta abalrôa.
Verga-se a mastreação e o Notos esbordôa,
Esfusiando, o velame alvo que se desdobra.

Toda a tripulação prisioneira sossobra.
E o vencedor, em grita, audaz, de pôpa á prôa,
No marujo calão que, entre as ondas, rebôa,
Em desordem duplica o saque e a morte dobra.

Ao rebramir do mar, que na amurada baba,
Casa-se o guincho agúdo e amplo dos albatrozes.
Cresce a treva ao redor, densa a chuva desaba.

E, na posse, afinal, de um grandioso thesouro,
Das cavernas de bordo, horrendos e ferozes,
Sobem vultos a arfar, curvos ao peso do ouro.

Santa Cherezinha

A Eulalia Pinheiro da Costa.

Em ti, ó Santa, o mystico rebate
Poude vencer as tentações do mundo,
E offereceste as preces em resgate
Dos que erravam num pégo abjecto e immundo.

Mas, domando as paixões, houve, em remate,
Maior proveito ao teu ardor profundo.
Da virtude apurando-se o quilate,
Eras o vaso de eleição mais fundo.

No desejo insaciavel da harmonia,
Ébria de amor a Deus e de confiança,
Mesmo em vida a tua alma o ceu abriu-se ;

E o corpo, fragil cirio em que ella ardia
Viva e intensa de mais, cedo extinguiu-se,
No altar do bem, da crença e da esperança.

Diadema real

Esse diadema real, Magestade, recorda
Todo um poema de amor, de ventura e de magua,
Desde o pequeno e quasi occulto pingo d'agua,
A' rosacea maior, de ouro fino, que o borda.

Ninguem sonha, talvez, que o aro do velho engaste,
Antes de repousar em tua fronte loura,
Era metal plebeu, pronto sempre ao desbaste,
Nas mãos do povileu que te ataca e desdoura.

Já foi moeda e berloque e anel de uma burgueza,
Rechonchuda e feliz a olha-lo em gesto idiota,
Já serviu de medalha, algures, a um janota,
Que, em festas, a ostentava a uma corrente presa.

Passou do novo rico á estirpe antiga e fina,
Do cofre do avarento ao bolso perdulario ;
Refundido, depois, levaram-no á officina,
Para atauxiar a tampa e arestas de um sacrario.

Nobre mansão do ideal ! mas quanto ali soffria !
Era um baixo relevo. O artista, em sonho louco,
Deixou-lhe, com o buril, lavrando-o pouco a pouco,
Na tortura da fôrma a angustia que o pungia.

Do diamante central, o mais perfeito e puro,
Gotteja como um pranto ardente a iriada chamma.
Julguem-no, embora, olhando-o, insensivel e duro,
Nas garras de ouro preso, elle padece, elle ama.

Entre o fausto em que vive, ornando-te as madeixas,
Lembra a rocha matriz na garganta da serra,
E a saudade o consome e o seu fulgor encerra
Das desesperações justas e intimas queixas.

Dispostas numa flor, dez saphiras resumem
Rancores ancestraes, velhos odios de raça ;
Pelas faces azues, transparentes, que se unem,
De vingança e de dôr sinistro brilho esvoaça.

Vieram a teu poder tintas de nobre sangue,
Como indemnisação de uma recente guerra.
Guardam gritos de heroes e o choro e a voz que aterra,
O choro e as maldições de um povo nú e exangue.

Em tres corôas reaes esses rubis fulgiram :
O vermelho-papoula e um espinella, á esquerda,
Evocando o poder das fronteas que os possuiram,
Lastimam-lhes, ainda hoje, a irreparavel perda.

Esse outro, mais abaixo, é um curioso indiscreto :
Conta expontaneamente e sem pedir reserva
Historias mil de amor e tudo quanto observa
De teus regios salões no circulo secreto.

A amethista que a ahi tens, diz uma lenda indiana
Que era uma pedra hyalina e como o sol radiosa ;
Transmittiu-lhe um fakir ao seio a angustia humana
E ella se tornou roxa e triste e nebulosa.

Fulgindo em profusão por toda a banda de ouro,
Jazem constellações de gemmas brasileiras :
Turmalinas, rubis e opalas feiticeiras,
Que realçam entre as mais em teu astral thesouro.

Saudosas do aconhego obscuro na grupiara,
Maldizem a ambição do faisqueiro audacioso
Que lhes roubou a calma e a alegria mais cara,
Arrancando-as de um solo abençoado e glorioso.

Entre um foco de cinco esmeraldas se calça
A perola que, outr'ora; antes de estar comtigo,
Tanto sofrera ás mãos chagadas de um mendigo,
Ouvindo a quem a olhava — E' verdadeira ou falsa ?

Como recordações que a ti sómente valem,
Abrem-se quasi a medo agathas e beryllos.
Mais modestos, a sós, ainda que a magua calem,
Pedem de quando em vez seus primeiros asylos.

Depois vem o hematite, o quartzo e a agua-marinha,
Crystaes de dubia côr, desmaiados e escuros,
E o corindon e o gnez, lapidados e puros,
E mais a ethysta e o onix para teu brilho, Rainha.

A's vezes, toda a um tempo a pedraria accorda,
Alvoroça-se e tu, sem querer, estremeces :
A angustia reprimida, a grande dôr transborda
E chovem do diadema imprecações e preces.

Levanta-se o passado e, em torno, cirandando,
Phantasmas, em clamor, vagam sinistramente ;
Resuscita o scenario antigo de repente
E as mortas illusões, num doloroso bando.

Por isso é que, talvez, no solio em que te aclamam,
Uma lagrima afflue-te aos tristes olhos garços
E, sem saber porque, quando as gemmas se inflamam,
Teu rosto se annuvia entre os raios esparsos.

Minha mãe

(Em resposta a um soneto de Sayal Pavanas).

Bem compreendo que devo á Mãe querida
Um suave poema que a enteneça e embale
E exprima quanto o seu amor me vale
Nos momentos mais asperos da vida.

Quantas vezes, sabendo-a compungida,
Por mim consegue que a tristeza cale,
E eu calo a magua que a sua alma fale,
Quando a vejo sorrindo-se illudida !

Si a minha rica Mãe fosse velhinha
E de mim precisasse a pobresinha,
Florescia-lhe o fim da longa trilha ;

Com tanto ardor beijava-lhe os cabellos,
A envolveria em tanto mimo e zelos,
Como si ella é que fosse minha filha !

Tempestade

Ao Dr. Mario Totta.

Longe, a um rijo ruflar de asas possantes,
Desentranha-se um sopro repentino,
Nas mãos premendo as fontes latejantes,
Vergas o corpo debil e franzino.

A alma oscilla, varrida, alguns instantes,
Desabaladamente, em desatino,
E as lufadas continuas, reluctantes,
Levam do sonho as flores, sem destino.

Um ruido surdo e ameaçador ulula,
Succumbe o ideal, ferido nos abrolhos,
Por soluços vibrado o peito ondula.

O pranto chove e nuvens de desgosto
Deixam raios cruzando-se nos olhos,
Sombras de morte ennoitecendo o rosto.

Orchideas

A Wilma Gerlach Funch.

Nas bastas frondes, no alto, entre as versudas franças,
Pintalgando os festões de maranha compacta,
Mil orchideas, em flor, no recesso da mata,
Trocam beijos pelo ar nos dias de bonanças.

A selva toda em torno: heras, cipós, que, em tranças,
Pendem das grimpas, a ave, o reptil, a cascata,
O luar que no chão fórma arabescos de prata,
Injuriam sem dó as epiphytas mansas.

A ave, o reptil e o insecto espiam-nas curiosos,
Vendo-as cingir a corcha aos madeiros annosos,
E accusam-nas, hostis, de plantas parasitas.

E ellas, sorrindo á luz, entre as virentes fitas
Das lianas, como o nobre, ante o motejo altivas,
Vão alardeando sempre o aroma e as cores vivas.

A carranca de marmore

A Walkyria Neves Goulart.

Jorrando aos borbotões golfadas crystallinas
Da fauce escancarada, a expressiva çarranca
Fita os olhos de pedra, encarquilhada e branca,
Nos que se vão banhar, expondo as linhas finas.

Mergulham corpos, caem figuras resupinas,
E ella derrama a flux a agua que nunca estanca,
Sobre um dorso aljofrado, uma espadua ou uma anca,
Com a malicia a animar-lhe as pupilas ferinas.

O seu semblante alvar de marmore molhado
Dir-se-ia que se anima entre um chuvisco iriado
E muda de expressão e se abre e zomba e pasma.

Ora o senho avincado um quê de mofa encerra,
Ora um riso indiscreto a dura face plasma,
E, digna, ante o pudor, os rijos olhos cerra.

Milagre

A Esmeraldina Avila Pereira.

Ante o faminto olhar dos pagãos apparece,
Ao centro do amphitheatro, a romana traidora
Que ousa ultrajar a Zeus e a Jesus offerece
A vida pura, em flor, que a luz da crença doura.

Solto, em furia, o tropel das fêras estremece
A multidão, em torno, e a arena estruge, estoura.
Todo um convulso mar de dorsos nédios cresce ;
Bramindo eriçam leões a hirsuta juba loura.

Já nos degraus, ao sangue, uma ovação retumba.
Antegosa-se o olor das carnes palpitantes,
Fanadas nos desvãos negros da catacumba.

E ella, encarando o ceu, cheia de fé e arrojo,
Nem vê que os animaes estacam hesitantes
E vão, mansos, por fim, lamber-lhe os pés de rojo.

A' passagem de um enterro

Na tasca alapardada entre os cordões do manto,

Enxameia o mosquedo amorrinhando o espaço .
Camponios, torvo o olhar de alcool e de cansaço
Veem um grupo crescer sobre uns restos de ponte.
Veem um grupo crescer sobre uns restos de ponte.

Densos nimbos, ao longe, esfumam o horizonte ;
Rolam vagos trovões no ar modorrento e baço.
Tresanda um bafio quente e, enervado ao mormaço,
O grupo se aproxima, entre o cercado e a fonte.

E' um enterro de creança. E elles, tontos, á porta,
Sentem relampejar algo que os aborrece,
Na consciencia adormida, ante a pequena morta.

Paira doentio no ambiente o perfume de um lyrio ;
Esfolha-se uma flor. E o esquife desce, desce
A encosta, ao sól morticho e froixo como um cirio.

Felicidade

Voltas então, felicidade ingrata ?!
Apraz-te, ás vezes, visitar-lhe o pouso ;
Vaes perturbar o languido repouso
Em que sua alma triste se dilata.

Antes o deixes nessa paz tão grata,
Dôr mansa e queda, sonho doloroso ;
Si has de cedo fugir, porque, radioso,
Teu manto em chispas de ouro se desata ?

Esse que traz, em torno, desdobrada,
A sombra que se afunda e que se eleva,
Ante o teu vivo e magico arrebol,

Tem a impressão confusa e embaraçada
De quem, por longo tempo andou na treva,
Abrindo os olhos, de repente, ao sól.

O uma cantora sacra

A Arminda Parrott Nemoto.

Rompe o canto, e é um milagre. O espaço se povôa.
A phantasia, presa em subito delirio,
Resuscita, um momento, as sombras de martyrio,
Surtas, curvando a fronte ao peso da corôa.

A voz da ancia e do amor, unisona, rebôa,
E almas, em turbilhões, abandonando o empyreo,
Puras, na lividez das petalas do lirio,
Nimbam-se de um clarão que os ares ennevôa.

Esvae-se uma figura ; outras, subtis, perpassam ;
Pelos vãos dos maineis, confusas, em cirandas,
Hordas de anjos, brincando, ao léo do rithmo esvoaçam.

E, á proporção que os sons, em flor, se abrem nos ares,
Tomam-te á flor da bocca as musicaes guirlandas,
Para esfolho-las, rindo, em torno dos altares.

Impressionavel

A Julieta de Mello Monteiro.

Amas as coisas leves, vaporosas,
E's da "especie" das plumas e do arminho,
E o que te chega ao senso de mansinho,
Grava-se mais que as impressões ruidosas.

A' pompa regia e rutila das rosas
Preferes a modesta flôr do linho,
E o agúdo brilho do astro achas mesquinho
Junto ao lacteo clarão das nebulosas.

Ao perceber a angustia dos teus nervos,
Temo que os firam, loucas, num instante,
As emoções violentas em acervos ;

Temo subito vêr-te fulminada
Por uma doce e tepida rajada,
Por um raio de luz mais scintillante.

Suicidio

Entregue ao desespero, o peito ardendo, em chamma,
Fremindo de ira e dôr, olhar torvo, esgazeado,
Mãos crispadas, em garra, o cabello eriçado,
Sem amor e sem fé, reborcado na lama,

Num appello feroz á Divindade, clama :
“Si fores justo, ó ceu, consome o desgraçado
Que me roubou a paz, que me poz neste estado ;
Em seu coração duro ondas de fêl derrama ;

Nessa caverna hedionda accende uma fogueira :
A synthese da dôr da humanidade inteira.
Verte-lhe na cabeça a lava do vulcão.”

Corta o espaço um corisco. O monstro vocifera,
E, uivando, estremunhado, aos urros, como féra,
Baqueia fulminado á propria maldição.

Soneto

A Olga Acauan.

Si emprehendeste arrancar da treva essa alma abjecta,
Bemdito é o teu labor, vamos, não esmoreças !
Brilham astros além das sombras mais espessas,
Longe, no arcano aberto a uma insondavel méta.

Mira-a, remira-a bem, que ha-de jazer secreta,
Nas camadas do vicio a um puro ideal avessas,
De virtude e de fé, por timidas e oppressas,
Quasi apagada embora, uma scentelha inquieta.

Vê se a descobres. Vê se, brandamente, a geito,
Consegues penetrar-lhe o apartamento estreito,
Para levar-lhe ao seio um pouco de vigor.

Ainda um esforço, adiante ! O ensejo é bem agora.
Que fazer, que empregar nessa opportuna hora ?
Mais um raio de luz !... um raio mais de amor !...

Rebellião

A Revocata H. de Mello.

Escrava da attracção que os mundos prende, a Terra
Segue oppressa no espaço a estensa trajectoria,
E se debate e gira e tem surtos de gloria,
Tentando, em convulsões, com o Sol romper em guerra.

E' em vão que ella, rebelde, os vendavaes descerra
E as florestas enverga e a glauca massa equorea
Incha no afã incontido e louco da victoria.
E' em vão que a crosta arruga e, audaz, eleva a serra !

Sonambula e estonteada entre dous sonhos passa :
Uma força fatal, que toda a envolve e abraça,
E a ancia de despenhar-se entre os astros liberta.

E o homem segue-a e tambem contra o ignoto se volta,
No turbilhão que o attrae a vida arrasta incerta,
Preso sempre ao mysterio em surtos de revolta.

A um Pintor

A João Roque Moreira Gomes.

E's sempre o mesmo artista exímio e independente.
Nessas decorações de frescos e aguarellas,
Com que graça enlaçaste as florinhas singelas,
Na abundancia de tons de um colorido ardente !

Todo o esplendor do Olympo evocas ao presente,
E os heróes da Escriptura e creanças e donzellas
Animam-te os paineis. Como nas tuas télas
Nunca triumphou nudez tão candida e innocente !

Mas, si a gloria que tens, firmando-se, perdura
E chegaste tão cedo a alcançar justa fama,
E' que sabes copiar, com technica segura,

O scenario opulento, os tons na extensa gamma,
O sólo aberto em flor, todo o viço, a frescura
E a viva, a intensa luz da agreste Pindorama.

A' Memoria de D. Pedro II

Patria, concede agora a aurea benção de indulto
Ao filho que, a chorar, de teus braços lançaste,
O unico imperador que no berço embalaste,
Longe de teu carinho e teu amor sepulto!

Com que ancia não lhe viste o soberano vulto,
A ultima vez, do mar no magestoso engaste,
Lentamente partir, a alma afflicta, em contraste
De riso e dôr por ti, quasi na sombra occulto!

Canta-lhe hoje o esplendor e exalça-lhe a memoria!
Que em teu coração reine e resplandeça e passe,
Continuamente á luz do amor e á luz da gloria!

Chama-o a teu regaço, ó terra excelsa e cara,
Que elle, humilde, quiz ter, na morte, junto á face
E onde, como senhor, tantas vezes pisára!

Publicado por occasião do centenario da
morte de D. Pedro II.

A um Critico

Alma timida e sã, tem mais cuidado, alerta!
Ha um olhar que desvenda os intimos arcanos
E para o qual estás de par em par aberta,
Tanto nas illusões como nos desenganos.

Embora mostres, cauta, uma cambiante incerta,
Que illuda e que embarace em divergentes planos,
Mais do que tu, verá toda a emoção desperta
E a vergasta e os fusis dos temporaes insanos.

Alguem, mineiro audaz, nas amplas galerias,
Onde a idéa é o filão de estranhas pedrarias,
Póde desagregar a ganga, o vil reboque ;

E ao descobrir, acaso, occultas gemmas raras,
Has de ve-las, então, sob um magico toque,
Despedindo clarões com que jámais sonháras.

Monstro

Um fremito de horror passou, quando passaste ;
A propria natureza, exasperada, em pranto,
E' oppressa que te cede um misero recanto
De terra calva e hostil, sem uma flor, uma haste.

Desde os disformes pés á fronte sem desbaste,
Onde se torna o olhar em flammæ de ira e espanto,
Resumes do esplendor, da harmonia e do encanto,
Em teu misero ser, um franco e real contraste.

Chegas á fonte e a fonte a lympha argentea empesta,
Si olhas a estrella, a estrella o nume igneo embacia,
E o teu malsão contacto a planta estiola e cresta.

Foge-te tudo : o bem, a fé, o infimo anhelô,
E o que mais te alanceia é teres, ó ironia,
Um coração que sonha e busca e anceia o bello !

Os Palmares

Fugiam tristes, uma só palavra
Não lhes saia da cerrada bocca.

Medeiros e Albuquerque.

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo,
Incita-os o terror, alenta-os a esperança.

Vicente de Carvalho.

Porque sempre a gemer aos golpes do azorrague,
Lasso, lanhado, exul, sem um gesto que o afague?
Ah! Entrever do feitor a silhueta angulosa,
Lacerando, lascando a carne velludosa
Das cafusas em flor! Crer que arroxeadado talho,
Aberto com furor na sanha do vergalho,
Fez manar de sua amada, em papoulas vermelhas,
O saugue! Cre-la morta! Olhar duro, em scentelhas,
Lá vae; sobe indeciso o monte. Negro vulto
Perde-se á noite, além, na solidão sepulto . . .

Floridos cafezaes, companheiros de magua,
Adeus! Regato, adeus! Múrmura e cheirosa agua
Onde ia reanimar os membros extenuados,
Plantações dos vergeis, labor insano, arados,
Senzalas tresandando a putridos detricotos,
Povoada de miseria e lancinantes gritos,
O' captiveiro, adeus!

A treva é protectora.

Apenas uma estrella, estraviada, o ceu doura,
Fulgindo na amplidão como preciosa pedra,
Facetada no azul em fórma hexaedra,
Longe, para engastar-se á luz esguia e nova.

Soluça nos desvãos dolente e flebil trova.
Phantastica e uniforme, a paisagem noturna
Esboça a arvore negra e abre aos lobos a furna,
Crendo-se perseguido, embrenhada-se, á aventura,
Pelos brejos, grotões, da mata na espessura.
Galga os pincaros a esmo, atira-se ás correntes,
Despertando o jaguar, rojando entre as serpentes.
Fa-lo tremer um ruido e, em torno, a propria sombra,
O estalo de um graveto, aos pés calcado, o assombra.
Genios maus da floresta, aos guinchos, o atropelam.
Hirtas, palpando, as mãos, de encontro aos galhos, gelam.
Mas é seguir, seguir... Não tarda que desponte
A madrugada. E então, do cabeça de um monte,
Lobrigará talvez o sonhado kilombo.
Vago clarão se espalha. O corcovado lombo
Da serrania, além, desenha-se na bruma.
Corre uma aragem fresca e o arvoredado se apruma,
Para, em cheio, acolher os raios da alvorada.

A agua queda do mar, que dormia gelada,
As ondas espreguiça. Ha um remexer de ninhos
E, unisono, o rumor de todos os caminhos
— Pios, marulho — no ar, extendendo-se lasso,
Qual um bocejo longo esvae-se pelo espaço.
O negro foragido avança pela mata.
Sente passar em torno um fluido que o arreata,
Esse fluido vital, essa força scereta
Que faz brotar um fio argenteo em cada greta,
Que sóbe em expiraes, pelos festões se evola
E vae, suave, depôr um beijo na corolla,
Que enrubece e aconchega as petalas tremendo.
A natureza acorda, aos estos, resplendendo
E com ella despona a liberdade anciada.
Longe avulta uma tenda, acenando aprumada
E um rebanho e o fortim dos rebeldes escravos.
Seguem-lhe outros o encalço. E' uma legião de bravos
Que se dispersa agora entre as matas e os rios.
Fogem olhando em torno, espectraes e sombrios,
Como a sentir espiões surtos detraz dos troncos.
O phantasma da dôr fa-los torvos e broncos.
Mães, apertando ao collo os filhinhos famintos,
Vencem da brenha abstrusa escuros labyrinthos.
Este o passo vacilla e, em breve, arqueja e expira,
Sem tocar a região que, em sonhos, entrevira.
Aquelle, mais afoito, errando nos vergeis,
Cae surpreso nas mãos de outros senhores crueis.
Mas, toda a vez que a Aurora abre os rosados braços
E, ainda molle de somno e, em movimentos lassos,
A Noite vai colhendo a nebulosas calmas,
Chega um bando ao Palmar. Mais de trinta mil almas

Nas livres povoações abrigam-se libertas.
Livre, jorrando, a luz das clareiras abertas,
Enche de paz e amor os nucleos fluorescentes,
Que, desde o S. Francisco aos sertões viridentes,
Se alastram, contornando umbrosas ribanceiras,
Onde o estipe alongado e esbelto das palmeiras
Vai abrir, livre, no ar, a mais garbosa coma
Dos climas tropicaes. Livre se espalha o aroma.
Augusta, em liberdade, a natureza, em volta,
Ao ceu faiscante e azul a asa fulgente sóta.

Ha um poder procreador e estuante nas entranhas
Da terra que, em lugar de rasgar nas montanhas
Satanicos vulcões, expande as forças brutas,
Corroendo, fragorosa, o concavo das grutas
E vascolega e envolve a rude penedia
Em cascatas iriaes, que são luz e energia.
O grande rio desce aos bulcões furibundos
E, estortegado, arranca aos socavões profundos
Um rugido violento: é a voz da pororoca
Que das aguas, de longe, a ampla caudal desloca,
Numa columna rija e endiabrada rodando,
Das ondas se conchava o destemido bando.

Pelo cresco regato, entre os ramos em arcos,
Serenamente, ao sol, resvalam frageis barcos.
Uma doce quietude espalha-se no ambiente
Como na Africa, ali, o sol é claro e ardente.
Que grata nostalgia! Ha tambem tanto insecto!
Treme o espaço ao redor num bando fulvo e inquieto.
E ha tambem tanta palma ensombrando as charneças,

Almargens e alcantis ! Abrem-se reaes arecas
E a phenix pobre e humilde e a kentia e a carnahubeira,
Que em roupa, em tecto, em luz, em pão se immola inteira.
Aqui se apruma a choça entaipada de espeques,
Onde se entrança a espatha e os verdejantes leques.
Além, na estrada lisa esgueiram-se as carretas.
Por toda a parte affluem denegridas silhuetas.
E o trabalho redyobra, e o povoamento cresce.
Em cada lustro, novo, um nucleo resplandece:
Hoje é o de Sucupira, amanhã, de Taboca;
Surge um colmado verde ao pé de cada toca.
Com a casaria em faixa, extendendo-se longa,
Nos flancos de um outeiro avulta Bambiabonga.

Mas pouco dura a paz. Longe o branco se inquieta,
Prescruta, e observa, e sonda a urdidura secreta
Da republica negra. Expedições brilhantes
São tragadas na lucta. Alarmam-se distantes
Villas e povoações. Todo o esforço converge
Contra o kilombo hostile que entre o arvoredado emerge.
Tem a Patria no seio um cancro que a lacera.
E' uma simples colonia. Emtanto, altivo, impera,
Como um deus, o Zumbi na mais povoada zona.
O territorio unido e vasto se fracciona.
As propostas de paz recebem-se entre apodos.
Seguem-se batalhões e o monstro sorve-os todos.

Um dia... Emquanto o sol róla no occaso em chamma
Da derradeira luz toda a flammante gamma,
A refrega, mais cruel e ingente se encarniça.
De um lado, desigual, extende-se na liça
Toda a força que resta. Uma columna avança.

O exercito reunido estabelece alliança
Com a tribu mais feroz. Chegam os mamelucos,
Sustendo com vigor flammivomos trabucos.
Rangem tardas, ao longe, as ultimas carretas,
Cheias de munições. Refulgem bayonetas,
Num sinistro clarão, velando a tarde morta.
O inimigo recluso o ataque mal supporta,
Da outra banda, rilhando os dentes á impotencia.
Subito no ar perpassa um fremito. A' indolencia
Da tarde sobrevêm crebros sons pelo espaço.
Retumba na floresta a voz das gorjas de aço.
E ao tempo que no ceu as nuvens se esboroam,
Diluindo construcções que as trevas ennodoam,
Desaba a cidadella ao sopro da batalha.
Todo o arredor fuzila. O arvoredo farfalha
Ao constante zunir das flechas e das balas.
Igneas flores abrindo a corolla nas valas,
Fogos-fatuos num giro endemoniado passam.
Zimbra o dardo e se crava, os troncos se estilhaçam,
Rolando para o abysmo entre as escarpas rudes.
Abrem-se penhascaes, socavões e paludes,
Para tragar num sorvo os restos decompostos.
Emtanto, da atalaia, os chefes, em seus postos,
No desespero extremo, as ultimas descargas
Lançam contra o inimigo, atroando as praias largas.
Uiva o jaguar na lapa. Aves negras revoam
Sobre os corpos sem vida e hirtos, que se amontoam.
E vem a peste a fome, acompanhando a morte,
Num prestito macabro, entre a febril cohorte.
Galga o branco a escalada. Imprecações e pragas
Rolam pelo antro esconso, envolto em sombras vagas,
Onde se estorce a bocca alvar que a dôr tortura.

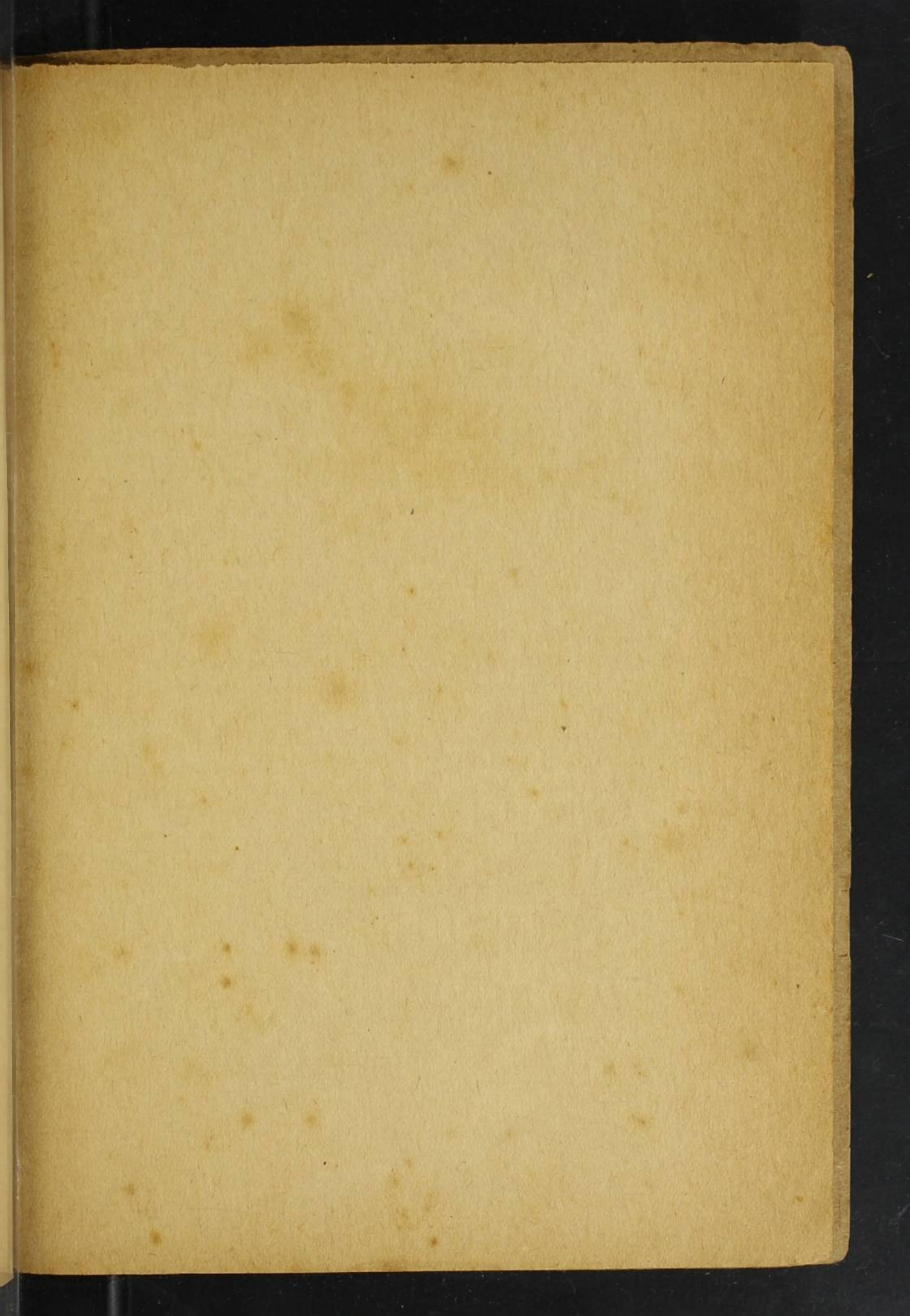
Vencendo a inanição, sublime de loucura,
A legião do Palmar ainda uma vez resiste
E guarda, cautelosa, espadas no ar, em riste,
O outeiro onde o zumbi, rondando a aldeia, vela.
Mas o cerco se aperta. Em torno se atropela
O exercito invasor. Cresce de canto a canto
O aneio de vencer, a febre, o ardor e o espanto.
Em delirio, de fóra, o branco alcança a escarpa
Que protege o kilombo, e se lacera e esfarpa,
Lanhando-se na rocha escalavrada e abrupta.
E continúa e teima. Ora á saliencia bruta,
Lascada entre lisins, frenetico se aferra.
Ora falseia o apoio. Em socavas, a terra
Desmorona-se e rue. Aqui firma-se á rama
Que um velho tronco ao léo dos temporaes derrama.
E a raiz carcomida, aos poucos aflorando,
Com o barbalho emmassado, oscillando, oscillando,
Despenha-se no abysmo. Além, as mãos encrava,
Hirtas, no dorso nú da encosta ardente e brava.
Depois vêm tremedaes, trechos verdes de limo,
O fogo, sem cessar, chove do negro cimo.
Rolam corpos de instante a instante malferidos,
Enchendo escusos vãos de gritos e gemidos.

Da atalaia o Zumbi segue a invasão da taba.
Todo o vasto dominio a um sopro cruel desaba.
Um punhado de heróes resta apenas á frente
Do destemido chefe. E, quando a tropa assente
No convulso arraial procura aprisiona-lo,
Crava o olhar com desdem, sem um signal de abalo
No inimigo.

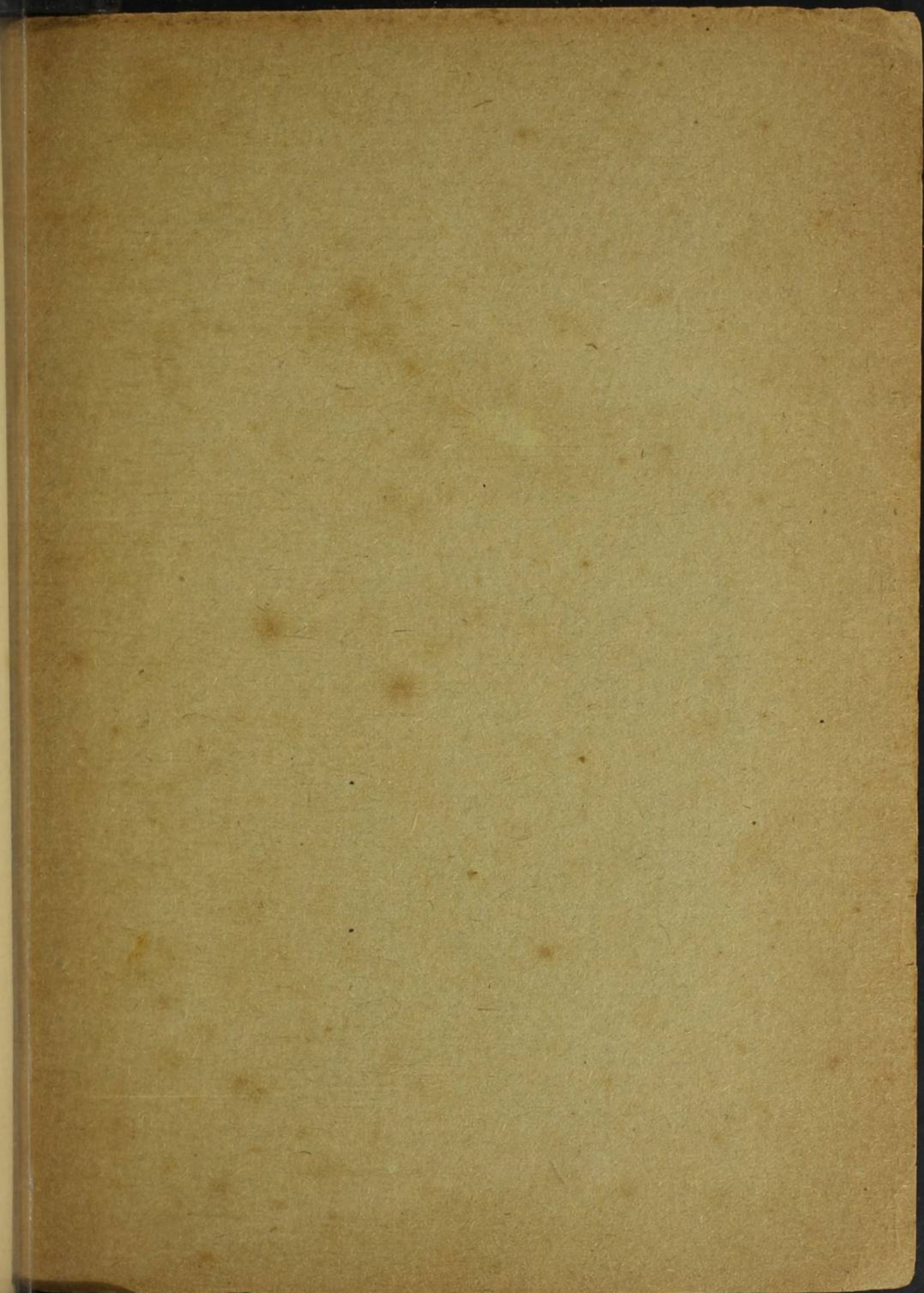
Ao redor destacam-se as montanhas
Cheias de sombra. E' noite. As tumidas entranhas
Da terra, já saciada, espalham, frescos, no ar,
Gazes e podridões . Sombras na sombra, a arfar,
Passam vultos de manso.

O espaço se costella.

A' frente um precipicio estende a negra ourela.
E' bem o que deseja : a luz do ceu, abrigo
Para a alma e, para o corpo, o mais fundo jazigo.
Jamais se renderá. Jamais a fronte escrava
Ha de baixar. E, altivo, ante a escolta que o aggrava,
Precipita-se do alto, ensanguentado e informe.
O corpo do Zumbi que no teu seio dorme,
O' Patria, ao descambar, estremeceste ufana.
Foi a quéda cruel, foi a refrega insana,
Mas o sangue vertido ao chão affluiu-te ás veias
E encheu-te o coração. Novas arterias cheias
De lymphá nova e mixta em teu corpo se esgalham
E as tres raças que, aqui, felizes se agasalham,
Laboram lentamente outra distancta raça.
Cada heróe que repousa, é um filho que te abraça.
Não te quebre a unidade um elemento. Exulta !
Abre em cantos e em luz toda a belleza occulta,
Que a legião do Palmar, tombando sobranceira,
Veio consolidar a raça brasileira.



24647





69296